

Primeira Linha em Rede

www.primeiralinha.org / Galiza, Abril de 2007

Oferecemos um formativo trabalho do intelectual marxista norte-americano James Petras dedicado a divulgar a maneira como foi criada a actual oligarquia financeira mundial: o reduzido clube de multimilionários que mexe os fios do capitalismo global.

Conhece a classe dominante global: Como eles se tornaram multimilionários

James Petras

"Por trás de umha grande fortuna está um grande crime".

Honoré de Balzac

Enquanto o número de multimilionários do mundo crescia de 793 em 2006 para 946 este ano, grandes levantamentos de massa tornavam-se acontecimentos comuns na China e na Índia. Na Índia, que tem o maior número de multimilionários da Ásia (36), com umha riqueza total de 191 mil milhões de dólares, o primeiro-ministro Singh declarava que a maior ameaça à "segurança indiana" eram as guerrilhas dirigidas por maoístas e os movimentos de massas nas partes mais pobres do país. Na China, com 20 multimilionários com umha riqueza líquida total de 29,4 mil milhões de dólares, os novos dominadores, confrontados com quase cem mil distúrbios e protestos confirmados, aumentárom cem vezes o número de polícias armados anti-distúrbios e incrementárom os gastos com os pobres rurais em 10 mil milhões de dólares na esperança de diminuir as monstruosas desigualdades de classe e impedir umha sublevação de massas.

A riqueza total desta classe dominante global aumentou 35% ao ano, atingindo actualmente 3,5 milhões de milhões (trillions) de dólares, ao passo que o nível de rendimento dos 55% mais baixos dos 6 mil milhões de habitantes que constituem a população mundial diminuiu ou estagnou. Dito de outro modo, umha centena de milionésimo da população mundial (1/100.000.000) possui mais do que os três mil milhões de pessoas do escalom inferior. Mais da metade dos actuais multimilionários (523) procedem de apenas três países: os EUA (415), a Alemanha (55) e a Rússia (53). Este aumento de 35% da riqueza provém mais da especulação que se tem registado nos mercados de capitais, no imobiliário e no comércio de matérias-primas do que de inovações técnicas, de investimentos em indústrias criadoras de emprego ou de serviços sociais.

"Mais da metade dos actuais multimilionários (523) procedem de apenas três países: os EUA (415), a Alemanha (55) e a Rússia (53)"

Entre o grupo de multimilionários mais recentes, mais jovens e que crescêrom mais rapidamente, destaca-se a oligarquia russa polos seus começos mais predatórios. Mais de dous terços (67%) dos actuais oligarcas russos multimilionários iniciárom a sua concentração de riqueza quando ainda nom tinham trinta anos de idade. Durante a infame década dos anos noventa, sob o quase ditatorial governo de Boris Ieltsine e dos seus conselheiros económicos dirigidos polos EUA, Anatoly Chubais e Yegor Gaidar, toda a economia russa foi posta à venda por um "preço político" muito abaixo do seu valor real.

As transferências de propriedade, sem excepção, foram conseguidas através de táticas mafiosas, de assassinatos, de roubos generalizados, de apropriação dos recursos do Estado e das actividades ilícitas de manipulação de acções e aquisições de empresas. Os futuros multimilionários saquearam ao Estado russo um valor de mais de um milhão de milhões (trillion) de dólares em fábricas, transportes, petróleo, gás, aço, carvão e outros recursos pertencentes ao Estado.

Contrariamente ao que afirmam publicistas europeus e norte-americanos, tanto de esquerda como de direita, poucos são os ex-dirigentes comunistas de topo que se encontram entre os actuais multimilionários da oligarquia russa. Em segundo lugar, e em oposição às afirmações dos mestres manipuladores sobre a "ineficiência comunista", as minas, as fábricas e as empresas de energia desenvolvidas pela antiga União Soviética, eram rentáveis e competitivas. Isso está actualmente comprovado pela enorme riqueza privada que foi acumulada em menos de uma década por homens de negócio-gangsters.

Praticamente nenhuma das fontes iniciais de riqueza dos multimilionários está relacionada com a construção, a inovação ou o desenvolvimento de novas empresas eficientes. A riqueza não foi transferida para altos comissários do partido comunista (transferências laterais), mas foram apropriadas pelas máfias privadas armadas dirigidas por universitários recém graduados que rapidamente capitalizaram com a corrupção, intimidação ou assassinio de funcionários responsáveis do Estado, e beneficiaram das insensatas contratações de Boris Ieltsine de consultores ocidentais do "mercado livre".

"em oposição às afirmações dos mestres manipuladores sobre a 'ineficiência comunista', as minas, as fábricas e as empresas de energia desenvolvidas pela antiga União Soviética, eram rentáveis e competitivas"

A revista Forbes publica anualmente uma lista dos indivíduos e das famílias mais ricas do mundo. O mais interessante nas famosas notas bibliográficas da revista Forbes sobre os oligarcas russos é a constante referência à sua fonte de riqueza como tendo sido conseguida "graças ao seu esforço pessoal" (self-made), como se roubar a propriedade do Estado, criada e defendida por mais de setenta anos com o sangue e o suor do povo russo, fosse o conhecimento e a habilidade para o negócio de uns quantos bandidos de vinte e poucos anos de idade. Dos oito primeiros oligarcas multimilionários da Rússia, todos começaram por assaltar os seus rivais, criando "bancos de papel" e tomando o controlo da produção de alumínio, petróleo, gás, níquel e aço, e a da exportação de bauxita, ferro e outros minérios. Todos os sectores da antiga economia comunista foram pilhados pelos multimilionários: Construção, telecomunicações, indústria química, imobiliário, agricultura, vodka, alimentação, terra, comunicação social, automóveis, linhas aéreas, etc.

Seguindo as privatizações de Ieltsine, todos os oligarcas, com raras excepções, chegaram rapidamente ao topo ou perto dele, literalmente, assassinando ou intimidando qualquer oponente dentro do antigo aparelho soviético e os competidores dos gangues predadores rivais.

A medida "política" chave que facilitou o saque e as aquisições iniciais pelos futuros multimilionários foi a vasta e imediata onda de privatizações de quase todas as empresas públicas pela equipa Gaidar/Chubais. Este "tratamento de choque" foi encorajado pela equipa de conselheiros económicos de Harvard e especialmente pelo presidente dos EUA, Bill Clinton, de modo a tornar irreversível a transformação capitalista. A privatização levou a guerras entre os bandos capitalistas e à desarticulação da economia russa. O resultado disso foi o declínio de 80% do nível de vida russo, uma desvalorização generalizada do rublo, e a venda dos recursos petrolíferos e do gás e outros recursos estratégicos, a preços de saldo, para a classe ascendente de multimilionários e para as corporações multinacionais norte-americanas e europeias do petróleo e do gás. Mais de cem mil milhões de dólares por ano foram lavados pela máfia de oligarcas nos principais bancos de Nova York, Londres, Suíça, ou Israel, e noutros lugares, fundos que seriam mais tarde reciclados na compra de bens imobiliários dispendiosos nos EUA, na Inglaterra, em Espanha e em França, assim como em investimentos em equipas de futebol britânicas, em bancos

israelenses e empreendimentos conjuntos (joint ventures) mineiros.

Os vencedores das guerras de gangues durante o reinado de Ieltsine continuáram a expandir as operações a umha variedade de novos sectores económicos, investimentos na expansom de empresas sectoriais (facilities) –especialmente no imobiliário e nas indústrias extractivas e de consumo– e no estrangeiro. Com o presidente Putin, deu-se a consolidaçom dos oligarcas-gangsters evoluindo sucessivamente de multimilionários a multimilionários, a multi-multimilionários e por aí afora. De jovens rufiães arrogantes e caloteiros locais, tornáram-se sócios "respeitáveis" das corporaçoms multinacionais norte-americanas e europeias, segundo as agências de relaçoms públicas europeias. Os novos oligarcas russos "chegáram à cena financeira mundial", de acordo com a imprensa económica.

Como destacava recentemente o presidente Putin, os novos multimilionários fracassáram no investimento, na inovaçom e na criaçom de empresas competitivas apesar de usufruírem de óptimas condiçoms. Excluindo a exportaçom de matérias-primas, que beneficiam actualmente de elevados preços internacionais, poucas unidades fabris na posse dos oligarcas estám a ganhar divisas estrangeiras, dado que poucas delas som competitivas nos mercados internacionais. A razom reside no facto de os oligarcas terem "diversificado" a sua actividade para a especulaçom no mercado de açoms (Suleiman Kerimov 14,4 mil milhons de dólares), (Mikhail Prokhorov 13,5 mil milhons de dólares), na banca (Fridman 12,6 mil milhons de dólares) e na aquisiçom de minas e unidades de processamento de minérios.

Os órgaos de informaçom ocidentais centráram a sua atençom na luta entre umha mao-cheia de oligarcas da era de Ieltsine e o presidente Vladimir Putin, e no aumento da riqueza de vários multimilionários da era de Putin. No entanto, as evidências biográficas demonstram que nom existe ruptura entre o aumento de multimilionários durante a era Ieltsine e a sua consolidaçom e expansom agora com Putin. O declínio dos assassinatos mútuos e a mudançã para umha competiçom regulada polo Estado é tanto um produto da consolidaçom das grandes fortunas como das "novas regras do jogo" impostas polo presidente Putin. Em meados do século XIX, Honoré de Balzac, ao analisar a ascensom da respeitável burguesia de França, assinalou as suas duvidosas origens: "Por detrás de umha grande fortuna está um grande crime". As fraudes que deram origem à ascensom por décadas da burguesia francesa do século XIX empalidecem se as compararmos com a pilhagem e a sangria de largas dimensoms que estão na origem dos multimilionários da Rússia do século XXI.

"o consenso de Washington orquestrado polos EUA, polo FMI e polo Banco Mundial, foi a força motriz por detrás da ascensom dos multimilionários da América Latina"

Se o sangue e as armas fôrom os instrumentos para a ascensom dos oligarcas multimilionários russos, noutras regions do mundo, ou melhor ainda, o consenso de Washington orquestrado polos EUA, polo FMI e polo Banco Mundial, foi a força motriz por detrás da ascensom dos multimilionários da América Latina. Os dois países com maior concentraçom de riqueza e o maior número de multimilionários na América Latina, som o México e o Brasil (77%), que por sua vez, som também os dois países que privatizáram os monopólios públicos mais lucrativos, os maiores e os mais eficientes. Do total de 157,2 mil milhons de dólares nas maos de 38 multimilionários latino-americanos, 30 som brasileiros ou mexicanos, e detenhem no seu conjunto 120,3 mil milhons de dólares. A riqueza dessas 38 famílias ou indivíduos excede a de 250 milhons de latino-americanos, isto é, 0,000001% da populaçom possui mais riqueza do que 50% da populaçom mais humilde. No caso do México, a riqueza de 0,000001% da populaçom excede o conjunto dos salários de 40 milhons de mexicanos. A ascensom dos multimilionários da América Latina coincide com a queda real dos salários mínimos, dos gastos públicos nos serviços sociais, da legislaçom laboral, e com o aumento da repressom estatal, enfraquecendo as organizaçoms dos trabalhadores e dos camponeses, e as negociaçoms colectivas. A implementaçom de impostos regressivos que sobrecarregam os trabalhadores e os camponeses, e as isençoms fiscais e subsídios para os exportadores de produtos agrícolas e de matérias-primas, contribuíram para a criaçom de multimilionários. O resultado disso foi a diminuioçom da mobilidade dos funcionários públicos e dos trabalhadores, o deslocamento do trabalho urbano para o sector informal, a bancarrota generalizada dos pequenos agricultores, camponeses e do trabalho rural, e conseqüentemente, a imigraçom do campo para os subúrbios urbanos, e a emigraçom para o estrangeiro.

América Latina

A principal causa da pobreza na América Latina são as próprias condições que facilitaram o crescimento dos multimilionários. No México, a privatização do sector das telecomunicações a preços baixíssimos, resultou em quadruplicar a riqueza de Carlos Slim Helu, o terceiro homem mais rico do mundo (só atrás de Bill Gates e de Warren Buffet) com um património líquido de 49 mil milhões de dólares. Dois multimilionários mexicanos da mesma categoria, Alfredo Harp Helu e Roberto Hernandez Ramirez, beneficiaram da privatização dos bancos e da sua subsequente desnacionalização ao vender o Banamex ao Citicorp.

A privatização, a desregulação financeira e a desnacionalização foram os princípios operativos chave da política económica externa norte-americana implementada na América Latina pelos FMI e Banco Mundial. Estes princípios determinaram as condições fundamentais de negociação dos créditos e das renegociações de dívidas para os países da América Latina.

Os multimilionários-em-construção velho e do novo dinheiro velho. Alguns começaram a acumular as suas fortunas obtendo contratos governamentais durante o modelo de desenvolvimento dirigido pelo estado (dos anos 30 aos 70), e outros através de riqueza herdada. Metade dos multimilionários mexicanos herdou as suas fortunas multi-milionárias originais no seu trajecto para o topo. A outra metade beneficiou de relações políticas e do conseqüente grande suborno na compra de empresas públicas baratas para a seguir revendê-las a multinacionais norte-americanas com grande lucro. A imensa maioria dos 12 milhões dos emigrantes mexicanos que cruzaram a fronteira para os EUA fugiram de condições de vida onerosas, as quais permitiram aos multimilionários tradicionais e novos do México entrar no clube dos multimilionários globais.

"A privatização, a desregulação financeira e a desnacionalização foram os princípios operativos chave da política económica externa norte-americana implementada na América Latina pelos FMI e Banco Mundial"

O Brasil tem o maior número de multimilionários (20) dos países da América Latina com uma riqueza líquida 46,2 mil milhões de dólares, que é superior à actual riqueza dos 80 milhões dos empobrecidos brasileiros urbanos e camponeses. Cerca de 40% dos brasileiros multimilionários começaram com grandes fortunas às quais foram acrescentando mais valor por meio de aquisições e fusões. Os chamados multimilionários "feitos por si próprios" beneficiaram das lucrativas privatizações do sector financeiro (a família Safra com 8,9 mil milhões de dólares) e de complexos do ferro e do aço.

Como se tornar um supermilionário

Se bem que algum conhecimento técnico, "qualificações empresariais" e tacto para o mercado tenham tido um certo peso na criação dos multimilionários na Rússia e na América Latina, muito mais importante foi a interface política e económica em todas as etapas da acumulação de riqueza.

De uma forma geral verificam-se três etapas:

1. Durante o primitivo modelo 'estatista' de desenvolvimento os actuais multimilionários "pressionavam" e subornavam com êxito os funcionários governamentais para a obtenção de contratos, isenções tributárias, subsídios e protecção da concorrência estrangeira. Estas dívidas do Estado foram o ponto de partida para a obtenção do estatuto de multimilionários durante a subsequente fase neoliberal.
2. O período neoliberal proporcionou as maiores oportunidades para a obtenção de lucrativos activos públicos muito abaixo do valor de mercado e da sua capacidade de rendimento. As privatizações, embora descritas como "transacções de mercado", na realidade foram vendas políticas em quatro sentidos: pelo

preço; pela selecção dos compradores; pelo suborno dos vendedores; e pela promoção de uma agenda ideológica. A acumulação de riqueza resultou da venda ao desbarato de bancos, empresas mineiras, recursos energéticos, telecomunicações, centrais eléctricas e transportes, bem como pela assunção por parte do Estado de dívidas privadas. Isto foi o ponto de partida dos multimilionários para o estatuto de multimilionários. Na América Latina isto foi conseguido pela via da corrupção e na Rússia pela via dos assassinatos e das guerras de gangues.

"O período neoliberal proporcionou as maiores oportunidades para a obtenção de lucrativos activos públicos muito abaixo do valor de mercado e da sua capacidade de rendimento"

3. Durante a terceira fase (a actualidade) os multimilionários consolidaram e ampliaram os seus impérios por meio de fusões, aquisições, mais privatizações, e expandindo as suas acções no estrangeiro. Os monopólios privados dos telefones móveis, telecomunicações e outras empresas de serviços públicos (utilities), juntamente com os altos preços das commodities, acrescentaram milhares de milhões de dólares às suas concentrações iniciais de riqueza. Alguns milionários tornaram-se multimilionários vendendo as suas recentes aquisições, empresas privadas lucrativas, ao capital estrangeiro.

Tanto na América Latina como na Rússia a apropriação dos activos estatais lucrativos deu-se sob a égide de regimes neoliberais ortodoxos (os regimes de Salinas-Zedillo no México, de Collor-Cardoso no Brasil e de Ieltsine na Rússia) e a consolidação e expansão verificou-se com governos de regimes supostamente "reformistas" (Putin na Rússia, Lula no Brasil e Fox no México). No resto da América Latina (no Chile, na Colômbia e na Argentina) a criação de multimilionários foi o resultado de sangrentos golpes de estado e de regimes militares que destruíram movimentos sócio-políticos, e iniciaram os processos de privatização. Os subsequentes regimes eleitorais de direita e de "centro-esquerda" promoveram de forma ainda mais enérgica este processo.

Ficou repetidamente demonstrado, tanto na Rússia como na América Latina, que o factor chave que levou ao enorme salto de riqueza –de milionários para multimilionários– foi a vasta privatização e a subsequente desnacionalização de empresas públicas lucrativas.

Se acrescentarmos à concentração dos US\$ 157 mil milhões nas mãos de uma infinitésima fracção da elite, os 990 mil milhões de dólares obtidos pelos bancos estrangeiros com os pagamentos de dívida, e ainda o milhóm de milhões de dólares (10 12) conseguidos por via de lucros, de direitos de exploração e rendas, da lavagem de dinheiro, todo durante a última década e meia, ficamos então com uma base que permite perceber o motivo que leva a América Latina a continuar a ter mais de dois terços da sua população com condições de vida inadequadas e economias em estagnação.

A responsabilidade dos EUA no aumento de multimilionários na América Latina e da pobreza generalizada nesse continente tem vários aspectos e implica uma ampla gama de instituições políticas, elites empresariais, académicos e magnatas dos meios de comunicação. Em primeiro lugar, é o aspecto mais importante, os EUA apoiaram os ditadores militares e os políticos neoliberais que implementaram os modelos económicos orientados para os interesses dos multimilionários. O ex-presidente Clinton, a CIA e os seus conselheiros, aliados aos oligarcas russos, foram quem forneceu o serviço de informação político e o apoio material para colocar Ieltsine no poder, e apoiar a destruição do parlamento russo (Duma) em 1993, e posteriormente levar às eleições manipuladas de 1996. Foi Washington que permitiu o branqueamento de centenas de milhares de milhões de dólares em bancos norte-americanos durante os anos noventa, tal como foi revelado em 1998 pela subcomissão para os assuntos bancários do Senado dos EUA.

Fôram Nixon, Kissinger e, mais tarde, Carter e Brzezinski, Reagan e Bush, Clinton e Albright que apoiaram as privatizações impulsionadas pelos ditadores militares latino-americanos e reaccionários civis nos anos setenta, oitenta e noventa. As instruções que dão aos representantes do FMI e do Banco Mundial foram claras: privatizar, desregular e desnacionalizar (PDD) antes de negociar qualquer empréstimo.

"Fôrom Nixon, Kissinger e, mais tarde, Carter e Brzezinski, Reagan e Bush, Clinton e Albright que apoiárom as privatizaçõs impulsionadas polos ditadores militares latino-americanos e reaccionários civis nos anos setenta, oitenta e noventa"

Fôrom os académicos e os ideólogos norte-americanos que trabalhárom lado a lado com as chamadas agencias multilaterais, como consultores económicos contratados, e que projectárom e impulsionárom a agenda PDD, e instruíram os seus ex-alunos da Ivy League, entretanto convertidos em ministros da economia e das finanças, e em banqueiros dos bancos centrais da América Latina e da Rússia.

Fôrom as corporaçõs multinacionais e os bancos dos EUA e da União Europeia que comprárom empresas ou entrárom em empreendimentos conjuntos (joint ventures) com os emergentes multimilionários latino-americanos, e que arrecadárom o triliom dólares (10 12) de pagamentos da dívida contraída polos corruptos regimes militares e civis. Os multimilionários som tanto o produto e/ou subproduto de políticas norte-americanas anti-nacionalistas e anti-comunistas, como um produto do seu próprio roubo descomunal de empresas públicas.

Conclusom

Dadas as enormes disparidades de classe e de rendimento que se verificam na Rússia, na América Latina e na China (20 multimilionários chineses tivérom um património líquido de 29,4 mil milhões de dólares em menos de dez anos), é mais exacto descrever estes países como os "multimilionários emergentes" ao invés de "mercados emergentes" pois o determinante nom é o "livre mercado" e sim o poder político dos multimilionários.

Os países de "multimilionários emergentes" produzem umha pobreza crescente, reduzindo os níveis de vida das populaçõs. Criar multimilionários significa desmontar a sociedade civil, isto é, enfraquecer progressivamente a solidariedade social, a protecçom social, a legislaçom social protectora, as reformas, as férias, os programas de saúde pública e educacionais. Considerando que a política é central, verifica-se no entanto que as etiquetas políticas do passado já nom significam cousa nengumha. No Brasil, o ex-marxista e ex-presidente Cardoso, e o ex-dirigente sindical e actual presidente Lula da Silva, privatizárom empresas públicas e promovêrom políticas que gerárom multimilionários. Putin, ex-comunista, cultiva o relacionamento com certos oligarcas multimilionários e oferece incentivos a outros para se ajustarem e investirem.

"A fúria e a hostilidade dos multimilionários e da Casa Branca para com o presidente Hugo Chavez da Venezuela devem-se precisamente ao facto de ele estar a inverter as políticas que criam multimilionários e pobreza generalizada"

O período de maior declínio do nível de vida na América Latina e na Rússia coincide com o desmantelamento das economias nacional-populistas e comunistas. Entre 1980 e 2004, na América Latina, mais precisamente, no Brasil, na Argentina e no México, o crescimento per-capita estagnou entre zero e um por cento. A Rússia sofreu umha diminuiçom de 50% do seu PIB entre 1990 e 1996, e o nível de vida caiu cerca de 80% para todos, com a excepçom dos predadores e do seu séquito de gangsters.

A riqueza que se verifica recentemente (entre 2003 e 2007), quando ocorre, está mais relacionada com o extraordinário aumento dos preços internacionais (de recursos energéticos, metais e agro-exportações) do que com qualquer desenvolvimento positivo decorrente das economias dominadas pelos multimilionários. O aumento de multimilionários dificilmente representará uma "prosperidade geral" como afirmam os editores da revista Forbes. De facto é o produto da apropriação ilegal de lucrativos recursos públicos, construídos com o trabalho e a luta de milhões de trabalhadores, na Rússia e na China, sob o comunismo, e na América Latina durante governos populista-nacionalistas e democrático-socialistas. Muitos multimilionários têm herdado a riqueza e utilizado as suas relações políticas para expandir e estender os seus impérios, o que na realidade terá pouco a ver com "habilidades empresariais".

A fúria e a hostilidade dos multimilionários e da Casa Branca para com o presidente Hugo Chavez da Venezuela devem-se precisamente ao facto de ele estar a inverter as políticas que criam multimilionários e pobreza generalizada: Está a renacionalizar os recursos energéticos e as empresas públicas sectoriais, e a expropriar algumas das imensas propriedades dos latifundiários. Chavez está não só a desafiar a hegemonia dos EUA na América Latina como também a comprometer todo o edifício PDD que constrói os impérios económicos dos multimilionários na América Latina, na Rússia, na China e por toda a parte.